

MULHERES QUEBRANDO FRONTEIRAS

15 anos WIE – e continuamos levantando a voz

O que é? Uma conferência organizada por mulheres no exílio, amigas e irmãs!

Quando? 22.-24.9.2017

Onde? Rosa Luxemburg Stiftung | Franz-Mehring-Platz 1 | 10243 Berlin

Este ano, as mulheres refugiadas estão a fazer barulho organizando uma conferência nacional sobre “Quebrar Fronteiras”. Esta foi uma decisão tomada durante o encontro de avaliação da turnê de ônibus pela Alemanha no verão 2016 do grupo “Women in Exile & Friends” (“Mulheres no Exílio e Amigas”) e pela rede de mulheres refugiadas e grupos que trabalham com refugiadas em todo o país.

Depois de passar por rotas perigosas na nossa jornada à Europa, como mulheres somos confrontadas com o sexismo e fronteiras racistas que nos expõem a todos os tipos de preconceitos. Como mulheres refugiadas, somos confrontadas com múltiplas fronteiras internas e externas, visíveis e invisíveis, jurídicas e individuais, durante e depois da nossa fuga. Quando chegamos na Alemanha e pedimos asilo e achamos que estamos seguras para contruir uma nova vida, somos imediatamente ameaçadas de deportação.

Não temos chance se não nos encaixarmos no conceito de “refugiada legítima” do BAMF. E a crise climática e econômica, ativismo político e guerras que não são reconhecidas pela política europeia? E os assaltos sexuais, a violência sistemática, os problemas específicos de gênero, as barreiras que estamos tentando quebrar cada dia? Em nossa própria experiência, cada mulher procurando asilo na Alemanha tem um “motivo legítimo”. A dupla discriminação às mulheres refugiadas torna a vida mais difícil para nós e está resultando em todo tipo de medidas desesperadas, incluindo suicídios por depressão, estresse e trauma. Os objetivos desta conferência são:

Reconstruir e tecer redes além das fronteiras;

Capacitar mulheres para quebrar as fronteiras do sexismo e do racismo;

Encontrar estratégias em conjunto sobre como desmontar todo tipo de fronteiras, por exemplo: Deportações, Campos,...;

Mostrar a perspectiva política das refugiadas sobre as causas da migração;

Criar um espaço para mulheres refugiadas para quebrar as barreiras e construir a comunidade através da expressão de seus talentos.

Nesta conferência, juntas, vamos encontrar maneiras de quebrar as barreiras racistas e sexistas. Fronteiras que são visíveis ou invisíveis. Barreiras, fronteiras que a sociedade ignora ou olha para o outro lado porque estas não a afetam diretamente. Fronteiras denominadas como “culturais” ou aquelas existentes em nossas mentes. **Precisamos da solidariedade uma da outra para quebrar as fronteiras e limites internos e externos. Junte-se a nós ao declarar**

que não existe fronteira alta, baixa, ampla ou sólida demais quando nos mulheres nos unimos!

Os (possíveis) temas da conferência são:

a) Por que nos querem deportar!!!

Nós, mulheres refugiadas, enfrentamos dupla discriminação, não só pelas leis racistas contra refugiadxs*, mas também como mulheres. Somos mulheres que vivem nessa sociedade mas os nossos direitos básicos como mulheres estão sendo negados. A realidade de mulheres refugiadas e migrantes nesta sociedade é tornada invisível por nos verem somente como vítimas sem voz. Isso aconteceu após os eventos da véspera de Ano Novo em Colônia, em 2015, e vem acontecendo repetidas vezes. Políticxs fazem novas leis discriminatórias, forçando deportações em nome dos “direitos das mulheres”. De quais mulheres estão falando? Nós, as mulheres no exílio e amigas, discordamos fortemente deste tipo de divisão entre nós.

b) É possível aprender com experiências passadas: Lutas feministas no passado e no presente:

Há séculos e décadas, mulheres têm se organizado para lutar contra o racismo e o sexismo. Hoje, nós mulheres também estamos nos organizando pelos mesmos motivos. Estas lutas provêm de diferentes grupos que são discriminados e marginalizados na sociedade, cada grupo lutando pelas questões que o afetam. É preciso construir redes e fazer “sua luta a minha luta”. É possível aprender com as experiências e os erros do passado?

c) Como as novas leis afetam nossa estadia:

Recentemente, as leis que regem pessoas refugiadas foram alteradas, tornando muito mais fácil a deportação de requerentes de asilo, mesmo os doentes. O sistema de deportações dentro de Europa chamado “Dublin” foi reforçado. A União Europeia está tentando impedir as pessoas de chegarem na Europa por todos os meios. Em vez de garantir o Direito Humano ao asilo, as pessoas são tratadas como criminosas assim que pisam no terreno europeu. Até mesmo as pessoas que se casam com pessoas de nacionalidade alemã têm que provar que estão morando juntas. As que têm bebês com pais Alemães são examinadas a tal ponto que são forçadas a fazer testes de DNA. Isto significa que o estado está pregando integração mas ao mesmo tempo está fazendo de tudo possível para deixar as pessoas requerentes de asilo em medo constante de deportação. Muitas vezes, nos faltam o poder, os contatos e a informação para lidar com estes problemas.

d) Saúde:

A lei chamada „Asylbewerberleistungsgesetz“ foi implementada em 1993 para desencorajar pessoas requerentes de asilo de chegar ou e ficar na Alemanha. A lei é racista e discriminatória!! De acordo com esta lei, só o tratamento de doenças agudas ou de dor é coberto. Para qualquer outro tratamento, a pessoa tem que inscrever-se individualmente no Sozialamt. Isso significa que pessoas sem nenhuma qualificação médica decidem sobre a

nossa saúde! Embora o novo cartão de seguro de saúde tenha sido introduzido em algumas regiões, para um tratamento especial, ainda precisamos da permissão do Sozialamt e muitos medics se recusam a nos tratar, assim que percebem que somos refugiadxs.

Mesmo de acordo com “Asylbewerberleistungsgesetz”, toda mulher tem o direito de escolher seu ginecologista e ser assistida por uma parteira durante a gravidez e após o parto. Toda mulher grávida pode decidir-se, como ela quer dar luz, mas porque medics recebem dinheiro extra para cada cesariana, elxs fazem a cirurgia sem explicação ou até mesmo sem informar as mulheres refugiadas que muitas vezes não sabem sobre seus direitos.

*Usamos o “x” para representar todos os gêneros